

VICTOR DE BRITTO

Octaviano de Britto *

Quando um vulto de grandes méritos se eleva ao fastígio do saber, curva-se em respeitosa homenagem a história para lhe traçar um esboço biográfico. É ele Victor de Britto, famoso oftalmologista, esplendoroso espírito, cheio de erudição não somente médica mas também literária e político-social.

O que segue bem dirá da sua estatua intelectual e moral.

Nasceu ele em Valença, pequena cidade da Bahia, a 15 de outubro de 1856.

Seu pai, Victor Marcolino da Silva Britto, era farmacêutico da Armada, e sua mãe chamava-se Maria Angélica da Silva Britto, ambos naturais da Bahia.

Teve dois irmãos e duas irmãs. Destas, a mais moça, de nome Úrsula, casou-se com Joaquim da Costa Lage, que foi, durante quarenta anos, funcionário da Cia. Sul América. A outra Maria, casou-se com o médico Dr. Domingos de Azevedo, por longos anos em Campinas, estado de São Paulo. Os irmãos faleceram na infância, deixando-lhe grande saudade, pois os estimava imensamente. Muito afetuoso e precocemente aúster, tomou na mocidade, a si, os encargos da família, visto que seu pai viajava com frequência, permanecendo pouco tempo na Bahia.

No estudo de humanidades, particularmente do Latim e do Português, matérias a que dedicava maior atenção, e no estudo da Medicina, na Faculdade da Bahia, onde se doutorou em 1878, adquiriu foros de exímio estudante, conseguindo facilmente, um dos primeiros lugares, entre os mais distintos condiscípulos.

Naquela Faculdade, conquistou amizade dos mestres, especialmente do Dr. Domingos Carlos da Silva, professor Patologia Externa, e do Dr. Almeida Couto, lente substituto da Secção Médica.

Defendeu a tese sobre "Pústula Malina", assunto inspirado em caso dessa moléstia, que acometera o seu, então, futuro sogro.

Logo após a formatura, casou-se com Maria Eufrosina da Cunha, filha do industrial Tomás Teixeira da Cunha e de Maria da Glória Câmara Cunha, irmã do Almirante Antônio Alves Câmara, que residia no Rio de Janeiro e aí faleceu.

Começou Victor de Britto o exercício da profissão em seu Estado natal, onde clinicou por espaço de dois anos. Mudou-se, então, para o Rio Grande do Sul, fixando residência em Pelotas, aí exercendo a clínica geral até o começo de 1884, época em que embarcou para a Europa, a fim de estudar Oftalmologia, em Paris. Nesse grande centro de cultura médica, entregou-se com entusiasmo ao estudo da especialidade com os célebres professores Wecker e Panas, cuja simpatia grangeou rapidamente pela dedicação ao curso e pelas manifestações de grande inteligência. Além da amizade desses dois mestres, adquiriu íntimas relações com os Drs. Lapersonne e Terrien, posteriormente lentes da Faculdade de Paris, na Cátedra de Oftalmologia.

Em tão elevada conta tinha o Prof. Wecker a Victor de Britto, que o convidou a ficar em Paris, como seu assistente, lamentando, profundamente, ao sabe-lo casado.

Além desse impedimento, outro obstava a que aceitasse o convite: o grande desejo de trabalhar para os seus conterrâneos.

Voltando ao Rio Grande, permaneceu alguns meses em Pelotas, seguindo depois para Porto Alegre, onde fixou residência definitiva, aqui encontrando campo vasto para o exercício da especialidade, até

* Cópia de Carlos de Britto Velho, neto do primeiro e sobrinho e afilhado do segundo.

então atendida por um clínico geral, o Dr. Joaquim Pedro Soares.

Logo após sua radicação em Porto Alegre, criou um serviço de moléstias dos olhos, no hospital N. S. das Dores e, mais tarde, na Santa Casa de Misericórdia, onde trabalhou, com máxima dedicação até pouco antes de morrer, dirigindo, assim, por cerca de quarenta anos, o ambulatório e a enfermaria de doença dos olhos.

Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina desta cidade, ocupando a cadeira de Oftalmologia que tanto illustrou.

Era membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, na qual teve ingresso com excelente memória, sobre o Tracoma. Foi, também, membro da Société Française d'Oftalmologie e de outras corporações científicas estrangeiras.

Por três vezes, interrompeu sua estada em Porto Alegre. Primeiramente de 1893 a 1895, quando de injusta perseguição política de que foi vítima, não se consumando a tragédia de seu fuzilamento, graças à intervenção de nosso parente o oficial de marinha Alves Câmara, comandante da flotilha do Rio Grande do Sul, o qual exigiu sua libertação, sob pena de bombardeio de Porto Alegre. Livre, então, seguiu para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até a pacificação.

Em 1904, ausentou-se do Rio Grande, em nova viagem à Europa, a fim de estudar oto-rino-laringologia em Viena, e doenças nervosas em Paris. Nesta cidade, frequentou o serviço do Professor Raymond e, na Capital da Austria, os serviços dos Profesores Politzer, Landsteiner, Wintersteiner, Obersteiner, Wiesel e Gohn.

Enfim, afastou-se, pela terceira vez, quando deputado federal pelo Rio Grande do Sul, na 8ª legislatura.

Desde a juventude, manifestou tendências para as lutas políticas. Em Pelotas, ao tempo da monarquia, conseguiu triunfar na chapa de vereadores.

Foi propagandista da República, ao lado de Júlio de Castilhos, Homero Batista, Ernesto Alves, Demétrio Ribeiro, Antão de Faria e outros.

Fez parte do corpo de redatores da "Federação" de Porto Alegre, dirigida, então, por Gonçalves de Almeida.

Como deputado federal, foi uma das

figuras de maior relevo da bancada, pronunciando muitos e brilhantes discursos sobre questões econômicas e financeiras, publicando, além disso, importante trabalho sobre o sufrágio proporcional.

Deu, ainda, atenção à reforma do ensino, realizando, a propósito, erudita conferência na Biblioteca Nacional.

Entretanto, dedicou o melhor de sua atividade ao hospital de caridade, onde permanecia, diariamente, das 8 às 12 horas. Foi, por três anos, provedor da Santa Casa de Misericórdia, cargo no qual prestou assinalados serviços, introduzindo, nesse estabelecimento, reformas dignas de nota.

Na cátedra, em que seu zelo apostólico pela ciência foi tão manifesto, pronunciou brilhantes e profundas lições, recordadas, sempre por seus discípulos. Ao ouvi-lo, a mocidade, cheia de entusiasmo, não sabia o que mais admirar: se o primor do estilo, se a eloquência persuasiva, se a segurança da doutrina, se a imensa cultura geral.

Era orador fluente e magnífico expositor, revelando, em todos os postos ocupados, dons invulgares de pensamento e de ação.

Os relevantes serviços que prestou, quer no hospital, ao lado dos enfermos, quer na cátedra, guiando, com elevada sabedoria, gerações de estudantes, asseguram-lhe um lugar entre os vultos mais proeminentes da medicina sul-americana.

A independência era um dos atributos que lhes distinguiam o caráter. Foi ela que o levou a assim manifestar-se certa vez no Parlamento em discurso pronunciado na sessão de 19 de setembro de 1912, quando se discutia o orçamento da agricultura: "Realmente, sr. Presidente, nada podia contentar mais o meu espírito de governista leal, mas nunca incondicional, porque se alguma coisa há que eu não posso compreender, no que quer que seja, quanto mais em política, é o incondicionalismo".

Afirmavam, uns, injustamente, que possuía bondade, o que o fez dizer, certa vez, batendo no peito, e dirigindo-se aos estudantes: "dizem que sou mau, mas tenho um coração aqui dentro". E tinha-o na realidade: um coração para amar, como amou, a família, a pobreza, a profissão, com extraordinário e incomparável devotamento. Em verdade, era profunda-

mente caridoso. O necessitado, que a ele recorresse, encontrava-o sempre de mãos abertas.

Grande era o interesse que tinha pela formação dos discípulos. Assim é que, mais de uma vez, realizou, na própria residência, cursos complementares aos da Faculdade, nos quais versava os mais variados assuntos, desde a oftalmologia propriamente dita até a patologia nervosa.

Possuía excelente biblioteca, nela permanecendo, à noite, horas a fio, mergulhado no estudo, do qual se afastava, quando moço, apenas para ouvir música, de que era verdadeiro apaixonado, assistindo com deleite as audições que para ele organizávamos: de piano e canto, as duas filhas; e de violino, eu.

Além da aguda inteligência, servia-o invejável memória, além de grande facilidade de improvisação. Sobre qualquer assunto da especialidade, a respeito do qual tivesse de discorrer, de improviso, fazia-o com extraordinária facilidade, tratando da etiologia, da patogenia e da terapêutica, com precisão e sabedoria, como se fruto fôsse de madura preparação.

Espírito altivo, não perdoava os atentados à dignidade de sua profissão, que soube, sempre, defender galhardamente.

Foi polemista de vigor, e sempre que terçava armas, quer no terreno médico, quer no político, era pleno o êxito de sua dialética irreplicável.

Além de todo o Rio Grande do Sul, conhecia vários outros Estados que visitou em excursões profissionais, despertando em toda a parte a maior simpatia em quantos apreciavam sua competência profissional, elevada cultura e encantadora palestra.

No ano em que deixou de existir, havia sido escolhido para parainfilar a turma dos doutorandos de Medicina, e poucos dias antes de morrer, terminara o discurso para a solenidade da colação de grau dos jovens médicos.

Em 24 de outubro de 1924, entregou a alma a Deus, segurando em uma das mãos o crucifixo e na outra a Imitação de Cristo, aberta na página que trata da "Consideração de si mesmo".

Dois meses antes, havia perdido a esposa querida. O seguinte trecho de uma

carta, a mim dirigida, exprime nitidamente a intensidade de seu sofrimento: "Meu caro filho Octaviano. Como sabes, a desgraça, de há muito esperada, veio dilacerar meu coração. Dilacerar! É bem o termo. Nem há palavras que me suavizem a dolorosa situação. Passaste dois telegramas francamente ociosos. Como poderias esperar que estivéssemos após a morte de tua mãe? Verdade que o mais rudemente ferido fui eu. Os outros têm o derivativo dos filhos, dos amigos, dos maridos e da idade. Eu só tenho por companheiro a dor e a velhice, enquanto não chega a morte que se vai aproximando".

Se foi profunda a dor da família, foi também a da Medicina Brasileira, "ao carpir a perda do filho dileto que lhe era timbre de glória e brasão do orgulho".

Deixou um acervo de trabalhos médicos, científicos e políticos, em opúsculos, memórias, monografias, folhetos, conferências e artigos, merecendo especial menção o seguinte: "Gaspar Martins e Júlio de Castilhos", que teve a crítica brilhante do literato Osório Duque Estrada.

Nota. *O artigo de Octaviano de Britto termina de forma abrupta.

Pena foi que o autor da biografia tivesse deixado, de lado, pelo menos dois fatos interessantes:

A facilidade que tinha Vitor de Britto para línguas — além de ler várias, falava bem, evidentemente além do vernáculo, o francês e o alemão, idioma esse último que usava freqüentemente como meio de comunicação com algumas freiras da Santa Casa e com pacientes da região colonial, absolutamente "mudos" em português.

A polêmica que manteve com oculista argentino, a propósito do tracoma, ficando demonstrados, por Victor de Britto, os erros do especialista estrangeiro e, ao mesmo tempo, comprovado que a grande fonte na época do tracoma existente no Rio Grande era a imigração italiana, problema da maior gravidade, em vista das dificuldades, então, de tratamento da doença, causa muitas vezes de cegueira.

Ao que parece, o profissional da Argentina, se não deu as mãos à palmatória, silenciou daí por diante, calando as acusações que endereçava ao Brasil.

* A conclusão à seguir foi redigida pelo Prof. Carlos de Britto Velho.